

Entrevista M.L.P.

1984  
Jornal - Oriente de Macau  
Jornalista - Mendes de Oliveira

- texto i'na casado  
publicado.



Pergunta-É de opinião que, tal como as pessoas, os povos têm personalidades diferentes? Considera, no caso português, que o nosso povo tem uma mentalidade universalista?

Mãe Lourdes Pintasilgo-Concordo, concordo. Acho que os povos, e creio que é isso que está implícito na sua pergunta, têm características próprias, têm uma identidade cultural, têm uma maneira de reagir, uma maneira de ser, não só de conviverem entre si como de se situarem perante o mundo.

Parece-me que não só a História portuguesa, como as nossas Artes, a nossa Literatura, nos colocam perante um povo universalista. É a realidade sociológica dos portugueses neste fim-de-século, com 3,5 milhões de portugueses fora da sua Pátria.

Portugal tem uma vocação de diálogo com as outras culturas, de fácil adaptação, de possibilidade de intervir de uma forma dinâmica na construção de realidades em qualquer latitude.

Reciprocamente, não posso deixar de reconhecer que os momentos e as figuras mais altas da nossa História foram caldeadas por culturas alheias. Não preciso de ir buscar como tantas vezes se tem referido, a Ínclita Geração, o Infante D. Henrique, vou também buscar dois expoentes da Literatura Portuguesa: Camões é quem é por uma longuíssima viagem através do Oriente; Fernando Pessoa é quem é através de uma longa permanência num território africano de língua inglesa, de um enorme convívio com a literatura mundial que, como se vê na biografia dele, aos 15 anos já devorava quotidianamente. Tudo isto quer dizer que a nossa maneira de ser, nos nossos melhores elementos, é feita no caldeamento de muitas culturas.

.../...





.../...



P-E no presente? Como vê o posicionamento de Portugal na conjuntura internacional? Como vê a presença portuguesa no mundo?

MLP - Enquanto país que, após uma história pluricontinental de cinco séculos, se vê de novo, em termos da sua soberania e do seu território, reduzido ao rectângulo continental europeu e às ilhas atlânticas, Portugal tem necessariamente que revêr os eixos da sua situação no mundo.

É neste contexto que pode ser interpretado o processo de integração na CEE, mas é fundamentalmente a questão do posicionamento de Portugal no Mundo, o grande projecto das suas relações externas que está em causa.

Aí, creio, teríamos que recuperar algo da nossa capacidade histórica, a partir do século XV, XVI e XVII.

Teremos que recuperar primeiro a grande aventura que nos levou à América Latina e transformar os laços românticos que nos ligam ao Brasil, em laços verdadeiramente operacionais.

Encontra-se aí um dos grandes líderes do Hemisfério Sul, no século que se aproxima, com inegáveis laços com Portugal.

Quanto à África, foi Portugal que percorreu a costa africana. Além dos países que foram colónias portuguesas, temos laços históricos com muito mais países e temos mesmo nos nossos arquivos documentos muito importantes referentes à história dos povos africanos, por exemplo o Benin e a Nigéria, com os quais deveríamos encetar um diálogo completamente diferente do actual. E não só um diálogo, mas relações concretas, mesmo que tal obrigue a enfrentar certos riscos.

P- E em relação à Ásia?

MLP - Em relação à Ásia temos dois grandes polos. Em primeiro lugar o polo do Indostão e, portanto, o refazer da nossa presença em contacto com esse imenso povo, com mais de 700 milhões de habitantes, que é o povo indiano, com o qual

.../...

houve um intercâmbio em pé de igualdade, que me parece fundamental, como aliás o atenta a presença na sociedade portuguesa de muitos goeses que têm um papel predominante na vida nacional.

Indubitavelmente há que criar ali, mecanismos a nível cultural, científico, económico e outros, tal como intensificar do mesmo modo a nossa presença nos países que chamamos Extremo-Oriente, mas que hoje acho que poderíamos até chamar Próximo-Oriente. Porque, ao fim e ao cabo, ali se encontra a grande concentração da humanidade, e temos, tanto no Japão como na China, uma enorme abertura ao contacto com Portugal.

A China está, neste momento, numa fase em que o seu desenvolvimento passa pelas tecnologias intermédias e em que, necessariamente, Portugal pode contribuir com uma sabedoria, um "Know how" que tem.

Não lhe falei nos Estados Unidos, evidentemente, nem do bloco soviético, isto porque considero, para um país como Portugal, que as relações com as super-potências têm que se enquadrar e subordinar-se às relações com o resto do Mundo, como acabo de referir, e não o contrário.

P-Como membro do Conselho da Universidade das Nações Unidas, a sr<sup>a</sup> eng<sup>a</sup> tem-se deslocado ao Japão. Como é que encara esse contacto com a cultura japonesa?

Quanto à minha presença no Japão, queria desligá-la, neste momento, da Universidade das Nações Unidas, para lhe referir um aspecto que envolve as minhas viagens ao Japão (até ao presente já são duas) e que considero pessoalmente um aspecto importante.

O Japão tem, em relação a Portugal, um sentimento de uma enorme estima, que não se encontra apenas a nível científico, mas que se exprime até, a nível popular.



.../...



4

A nível popular, exprime-se no restaurante onde se vai, no espectáculo a que se assiste - tudo isto desde que seja conhecida a presença de uma pessoa de Portugal ali, envolve uma referência à nossa presença no Japão, em particular no século XVII, que é extremamente grata.

Claro que não é indiferente a esta atitude o trabalho realizado pelos nossos diplomatas, nomeadamente pelo Embaixador Martins Janeira, que esteve durante 10 anos em Tóquio e, aí, ajudou a desenvolver as várias secções da Sociedade Luso-Nipónica, que é a sociedade de amizade mais forte que existe no Japão, e tem realizações interessantíssimas, como o trabalho do cineasta Paulo Rocha que passou 8 anos no Japão, enquanto adido cultural da nossa embaixada, e que realizou, entre outros, o filme "A Ilha dos Amores", sobre a vida de Wenceslau de Moraes e que foi projectado no Japão, constituindo um êxito extraordinário.

Nós estamos muito presentes no Japão. Repare que os bimbos mais conhecidos no Japão são os Bimbos Namban, cujos desenhos representam a chegada dos Portugueses àquele país. Há ali, culturalmente, um grande respeito por Portugal.

Somos um velho país, quer queiramos ou não, somos o mais antigo da Europa. Somos o país cujas fronteiras são inamovíveis à mais tempo. Isto, para todo o Oriente, tem muita importância, tem um peso muito grande.

É neste contexto que quero sublinhar a amizade com que tenho sido convidada por várias universidades em Tóquio, para aproveitar os dias em que lá estou, para me dirigir aos alunos e a elementos do corpo docente para trocar impressões e, assim, tornar ainda mais viva a presença da cultura portuguesa no Japão.

.../...

.../...



P- Comõ membro do Conselho da UNU, a srª engª trabalha num meio muito internacional. Acha que esse tipo de trabalho favorece o avanço da ciência? Tem havido uma colaboração tanto do Ocidente como do Leste no seio da UNU?

MLP-Sem dúvida. É considerado hoje nos meios académicos um objectivo de grande interesse o facto de que o trabalho se situa para lá das fronteiras de cada país.

Repare que isto tem a ver com uma questão importante, que nos remete, até, para a criação das Universidades no nosso Velho Continente. Um dos principios fundamentais que presidiu à criação das universidades, e daí o nome de universidade, foi a noção de universalidade do saber. Isto é, todas as aquisições que o homem faz no domínio do pensamento, independentemente das suas aplicações imediatas, desde o momento em que são postas a circular deixam de ser propriedade de quem elaborou o pensamento e passam a ser parte do património comum da humanidade.

Fundação Cuidar o Futuro

Nas últimas décadas, houve uma tal aceleração da criação do pensamento, sobretudo daquilo que tem uma aplicação directa ao nível das ciências exactas, e daquele que interpreta ao nível das ciências humanas, o comportamento dos indivíduos e das sociedades, houve uma tal aceleração dizia, que se tornou difícil aos vários grupos de cientistas contribuírem, de forma concertada, para esse progresso e para essa disseminação do conhecimento.

Daí que, possamos dizer que a Universidade das Nações Unidas, retoma hoje, neste fim de século, e com a experiência da interacção das várias nações, realizada já em mais de trinta anos de existência das Nações Unidas, retoma um dos grandes objectivos da Universidade e das instituições dedicadas ao saber e à investigação.

.../...



P- Situando-nos ainda na Ásia, há um problema relativo ao estatuto de Timor, território em relação ao qual Portugal tem responsabilidades e laços especiais. Sabe-se que a sr<sup>te</sup> eng<sup>a</sup> tem dado muita atenção a esta questão. Quer dizer-nos alguma coisa sobre o assunto ?

MLP- O problema de Timor é um problema sobre o qual eu, naturalmente, não me costumo pronunciar, na medida em que faz parte da minha actividade profissional, pelo que estou limitada quanto às informações que, sobre isso, posso fornecer.

Toda a gente sabe que Timor Leste sofreu em finais de 1975, uma operação militar de grande envergadura conducente à anexação na Indonésia. Desde essa altura que existem guerrilhas no território que visam a libertação da Indonésia e a independência. Simultaneamente a população civil vive em situação deplorável, entre a fome e as operações de retaliação indonésias, sendo os timorenses forçados a viver em campos de internamento sob domínio indonésio.

Nem Portugal, -como país que foi colonizador e que se propunha fazer uma descolonização quando se deu a invasão indonésia-, nem a comunidade internacional, na ONU, aceitaram esta suposta integração pela força, do território de Timor-Leste na república Indonésia.

O assunto vem sendo debatido na ONU, a vários níveis, (por exemplo em Assembleia Geral, na Comissão dos Direitos Humanos, no Comité da Descolonização...), neste momento o problema de Timor-Leste está nas mãos da Comunidade Internacional, através do Secretário-Geral da ONU, que apresentará à próxima Assembleia-Geral, em 84, um relatório sobre o assunto. Temos indicações claras e inequívocas de que se o problema for posto à votação, sem se tomarem as devidas precauções, a relação de forças existente no Mundo, neste momento, e a desafectação, em relação à nossa posição, de países tidos como amigos ,

.../...



6

levará a abafar o problema nessa plataforma. Na realidade é evidente uma certa erosão de votos a favor da auto-determinação de Timor-Leste, nomeadamente do lado "ocidental", que tradicionalmente é sensível a questões como o respeito pelo direito à auto-determinação e pelos direitos humanos. Princípios que são violados quotidianamente em Timor.

P- Mas Portugal mantém a questão muito viva, do ponto de vista interno, não é assim?

Constitucionalmente Portugal assume uma posição muito clara, a favor do direito do povo timorense à autodeterminação e independência. Além disso, na Constituição responsabiliza-se conjuntamente o Presidente da República e o Governo pelo desenrolar do processo.

Embora sem mandato constitucional, também a Assembleia da República instituiu uma Comissão Eventual para tratar da questão de Timor-Leste.

Como vê, os órgãos de soberania estão alertados para o problema, no entanto, importa que todo este trabalho conjugado seja cada vez mais operativo pois, à partida, a situação é muito complexa. Daí a necessidade de que se defina conjuntamente a acção diplomática a empreender nesta matéria, e com a máxima urgência, pois o tempo vai passando e este ano é decisivo para a situação concreta<sup>em</sup> que vivem os timorenses.

Por outro lado, não institucionalmente, a opinião pública vem sendo alertada para o problema de Timor. Os meios de comunicação social têm aí um papel de relevo, que nunca é demais incentivar! Além disso, vão-se criando por esse país fora comissões de apoio ao povo Maubere, e mesmo sectores cristãos começam a mexer-se nesta matéria. Tudo isso permite tentar encontrar pistas para resolver esta questão salvaguardando, tanto quanto possível, os direitos do povo timorense e a responsabilidade de Portugal como Potência Administrante, estatuto que lhe é reconhecido pela comunidade Internacional.



P-A sr<sup>a</sup> eng<sup>a</sup> é então de opinião que , ao contrário do que possa pensar-se, as universidades nas últimas décadas não se politizaram, mas antes voltaram à pureza das origens?



Fundação Cuidar o Futuro